

JOÃO GASPAR SIMÕES
ELÓI • PÂNTANO



BIBLIOTECA DE **AUTORES**
PORTUGUESES



UM ROMANCE INTROSPECTIVO

No centenário do nascimento de João Gaspar Simões (25 de Fevereiro de 1903-6 de Janeiro de 1987), resolveu a INCM, e bem, reeditar o seu romance Elói, publicado em 1932, tinha o autor 29 anos. Sobre este romance, em particular, sobre a ficção de João Gaspar Simões, em geral, sobre, sejamos mais desbocados, a literatura da presença, na generalidade, mas com particular «acinte» para as importantes figuras de Simões e Régio, tem-se falado insistentemente em psicologismo: o psicologismo da Presença, o psicologismo de Simões, o psicologismo de Régio, e por aí fora. Incluem, se quiserem, Casais, Branquinho e tutti quanti. De Elói, é um facto, disse, com justiça, Óscar Lopes que é «o primeiro espécime convincente do romance introspectivo», embora acautelando, logo, «que não dispensa um certo romanesco de bas-fonds». Elói é um romance psicológico, como o é O Marido Fiel (1942), como o é também esse notável romance que dá pelo nome de Pântano (1940). Psicológicos são-no também (embora sejam, com certa força, muitas outras coisas) o Jogo da Cabra Cega (1934) ou A Velha Casa, de Régio. Mas são-no muito menos ou o são em combinação variada com outras fortes componentes O Príncipe com Orelhas de Burro (1942) ou Há Mais Mundos (1962).

É verdade que a Presença trouxe um vigor novo e inesperado à consistência psicológica das personagens, na narrativa portuguesa dos anos 30 e 40: disso estava bastante necessitada uma literatura até aí bem desprovida nesse aspecto. Que isto afrontasse tanto, até mesmo os que incensavam o monumental e genial folhetim psicológico de Marcel Proust, À la recherche du temps perdu, eis mistério que nunca consegui decifrar. Atacar a Presença por esta tentar dar à literatura portuguesa vectores de

que outras há muito se ufanavam e outras ainda levavam, por essa altura, aos últimos limites (Proust, Joyce, Gide, Huxley, Lawrence, etc.) é combate de quem gosta de dar tiros certos nos próprios pés.

Por outro lado, a literatura da Presença — e não só a de Régio — intersectava muitos outros pelouros que muito lhe complicavam e enriqueciam o perfil e a substância. Os «valores» de Serpa, Navarro, Bugalho, Casais, Branquinho, Régio — e mesmo Simões —, visitam áreas e interesses que nada têm que ver com a psicologia. Mas é singularmente míope que o acinte tenha particularmente visado uma obra como a de Régio, que vigorosamente intersecta o social, o político, o moral, o metafísico, o simbólico, o místico, etc. Por outro lado, ainda, não é curial esquecer textos doutrinários que, na presença, conferiram inteira «liberdade de espírito» aos seus colaboradores e aos artistas em geral: a arte de comprometimento político ou religioso ou outro que fosse, disse-o Régio ad nauseam, tem todo o direito de cidade, desde que obedecendo a um mandato interior — autêntico — do próprio artista.

Seja como for, Elói, bem como quase toda a literatura ficcional de Simões, pertence também (mas não só) à categoria de literatura de introspecção. Num total de oito espécies (sete romances e uma colectânea de contos), a ficção de Simões não pode considerar-se um aspecto marginal da sua obra, embora o crítico, o ensaísta, o biógrafo e o historiador de literatura sejam responsáveis por um enorme débito que, para muitos, ofusca quase por completo o autor de ficções. Injustamente, mas compreensivelmente.

Para esta semiofuscação muito terá contribuído também a curiosa campanha de autodenegrimto, como ficcionista, desencadeada pelo autor de Elói. Lançado, durante anos, numa incansável «pedagogia» da falta de vocação dos portugueses para a ficção, Simões dava-se como exemplo de um fracasso que, no fim de contas, não era só dele, mas de todos os filhos de Camões... «Não somos dotados com o génio do romance», observava, por exemplo, no Caderno de um Romancista (p. 180), ou, ainda no mesmo livro: «O português só sabe escrever histórias de que é protagonista. Só com dificuldade consegue extrair de uma série de pequenas ou mínimas experiências uma obra compacta, desdobrada, objectiva — um romance» (pp. 69-70). Durante três porfiados anos, no Diário de Lisboa, o futuro autor de Pântano irá debater o problema da viabilidade de um romance português,

concluindo pela negativa: «que o português não é dotado com aquilo a que poderemos chamar, por comodidade — o génio do romance» (Caderno de um Romancista, p. 179). Simões, dando de barato a obra de Eça, de Camilo, Malheiro Dias, ou a que ele próprio trazia no ventre, sem falar na que já publicara, apoiava-se no mot de Stendhal — «um povo só é grande num género de cada vez» — e não arreda pé da sua convicção que faz eco do próprio Camilo: «Confessemos todos, em voz alta, uma dolorosa verdade. Nós, os Portugueses, não nos ajeitamos com o romance.» Stendhal era fácil de contradizer: a literatura inglesa era grande, pelo menos, em quatro géneros: ficção, teatro, poesia e ensaio. A literatura russa, no século XIX, dera-nos grande ficção e grande teatro, deixando agora de lado a poesia de Pushkine. A França, além de grandes moralistas e dramaturgos, dera-nos uma ficção que compreendia Balzac, Stendhal e Proust (entre outros...) e uma poesia que nos ofereceu Villon, Ronsard, Du Belay, Hugo, Baudelaire e Rimbaud. É certo que Gide duvidava da vitalidade do romance francês e achava que o maior poeta da França era Victor Hugo, hélas! Mas Gide tinha as suas perversidades e gostava de mostrar que lia bem inglês e era sensível ao tónus vigoroso da «English poetry». Por outro lado, Balzac não era Tolstoi e Stendhal não era Dostoievsky.

Seja como for, João Gaspar Simões jogava jogo limpo: ao afirmar que o português não tinha «green fingers» para a agricultura do romance, oferecia ao leitor a perspicácia da sua própria experiência: ele falava de um ofício que sabia de um saber de experiências feito. Em 1927, a romancista Virginia Woolf, referindo-se a dois livros recentes sobre a arte da ficção (o póstumo de Sir Walter Raleigh, *Some Authors*, e o hoje célebre *The Craft of Fiction*, de Percy Lubbock) e fazendo alusão ao facto de nenhum dos autores ser praticante do ofício da ficção, declarava, com ironia, que faziam um pouco de cerimónia com «ela [a ficção]» porque «ambos, sentia-se, tinham grande conhecimento dela, mas não muita intimidade com ela». Gaspar Simões, ao falar de ficção, estava a falar de algo com que tinha grande intimidade. Aí ia, pois, colher autoridade. A verdade é que nos dá, nos seus textos sobre a arte da ficção (e o ofício da ficção), a par de afirmações discutíveis ou até inaceitáveis, páginas de grande perspicácia, como só poderia fazê-lo, em relação à ficção, alguém «muito da casa». Numa conferência feita no Salão do Teatro de S. Luís em 8 de Fevereiro de 1947 e mais tarde publicada com o título *A Arte de Escrever Romances*, o autor de

Amigos Sinceros tem passagens notabilíssimas sobre o «aproveitamento» que o autor de romances faz das suas emoções pessoais para uso na complexa estrutura da prosa ficcional. «Integrar», diz, por exemplo, «uma experiência pessoal num quadro novelesístico é o que há de mais difícil e de mais decisivo como prova do verdadeiro talento do romancista.» Ou, ainda, tocando a mesma tecla: «Eis o ponto mais delicado da arte de escrever romances. A passagem da experiência emocional do escritor para a experiência emocional das suas personagens sem que se estabeleça uma relação directa entre as circunstâncias da vida delas e as circunstâncias da vida dele — é a prova decisiva do talento do romancista» (A Arte de Escrever Romances, p. 21).

Nesta notabilíssima conferência, João Gaspar Simões oferece dois exemplos singulares da transmutação de um profundo abalo emocional «em valores de drama, de conflito, de acção ou de intriga». Os dois autores exemplificados são: Eça de Queirós, de que uma perturbadora experiência nocturna, em Coimbra, terá estado na origem do «tema fundamental de toda a sua obra: a impossibilidade trágica de consumir o amor, a espada de fogo que separa o Padre Amaro de Amélia, Carlos Eduardo de Maria Eduarda, Basílio de Luísa, a rapariga loira de Macário, e assim por diante», e Oscar Wilde, que traduziu um encontro e uma experiência pessoal com o pintor Ward no drama alegórico, brilhante, perverso e dilacerante que tem lugar nas páginas do romance O Retrato de Dorian Gray.

Esta intimidade com a forja do romance experimentou-a o escritor, pela primeira vez, com a elaboração de Elói. Se o livro — vinte e quatro horas no interior de um ciumento — acusa ainda, na sua factura, muito da inexperiência do autor, ele oferece-nos, também, desde logo, páginas que são fruto da fina intuição psicológica que nos dará passagens penetrantes em romances como Pântano ou O Marido Fiel, e em páginas sobre Eça de Queirós ou Pessoa e em tanto folhetim de crítica da sua vasta obra de crítica e ensaísta. São altamente significativas, por exemplo, em Elói, as passagens em que, no momento em que o protagonista bate no fundo do desespero, da humilhação e da degradação, lhe sobem à consciência cenas da infância — esse paraíso perdido. Esta coincidência manifesta-se por mais de uma vez... É que, para João Gaspar Simões — e apesar de toda a guerrilha que, por isto, lhe foi movida por neo-realistas e não só —, a verdade psicológica das personagens era um ingrediente não dispensável desde que se tratasse de romance de personagens!

Numa «Carta aos novos romancistas portugueses», que tem, como pretexto, uma reacção de Joaquim Paço d'Arcos a uma crítica de Simões ao romance Ana Paula, o autor de Pântano nota com vigor: «As objecções que eu tenho feito aos romancistas portugueses resumem-se, principalmente, no seu pouco respeito pela verdade psicológica das personagens.» (O sublinhado é de J. G. S.) E, mais adiante, insiste, implacável: «A verdade humana das personagens de um romance é uma exigência fundamental de toda e qualquer estética do romance.» Poder-se-á argumentar com fundamento — e já o temos feito — que certas modalidades de romance poderão ser pouco ou muito pouco exigentes quando se trate da espessura psicológica das personagens. Mas se, por exemplo, o romance de aventuras não deve embarçar-se com demasiadas minúcias ou labirintos psicológicos, uma total inverosimilhança na estrutura psíquica das personagens produzirá, no leitor, no mínimo, algum desconforto... Com Elói, João Gaspar Simões faz uma declaração de convicções: a introspecção é um valor perene, dependendo o seu doseamento do tipo de romance. Ainda na carta referida acima, ele afirma: «o romance introspectivo não é um fenómeno dos nossos dias. O romance introspectivo já vem do meado do século passado [XIX]. Pode ir buscar-se ao século XVIII francês. E não acham os romancistas portugueses que seria vantajoso para a literatura nacional o aparecimento entre nós de alguns romances introspectivos?» Com Elói, Simões deu a primeira resposta. A que se seguiram O Marido Fiel, Amigos Sinceros e o inesquecível Pântano. Hoje, a pergunta já não se faz. Mas ficou a atravancar o percurso crítico em Portugal, por muitos e bons anos. E alguma história literária ainda persiste em falar, como de um defeito vergonhoso, no «psicologismo da Presença».

EUGÉNIO LISBOA

ELÓI
ou romance numa cabeça

- 1.^a edição: Presença, 1932.
- 2.^a edição: Coimbra Editora, 1941.
- 3.^a edição: Arcádia, s. d. (1959?).
- 4.^a edição: Publicações Europa-América, 1983.
- 5.^a edição: a actual.

CAPÍTULO I

MANHÃ

Elói está deitado. Amanhece. Ainda não abriu os olhos, mas, embora os abrisse, nada veria; a escuridão reina dentro do quarto. Neste momento deve debater-se na impossibilidade de saber se dorme ou se está acordado. Volta, com esforço, a cabeça na almofada. Lamenta não poder ver a escuridão, porque lhe cobrem a vista novelos de claridade absurdamente negros: novelos ou passadeiras de matéria luminosa que, do que supõe o tecto, descem, pesados, para o que supõe o chão.

Está sem dúvida deitado ao comprido da cama, mas sente-se de cabeça para baixo, subindo-lhe os lençóis pelo pescoço como uma aragem, uma substância fluida e persistente. Tudo, porém, é uma certeza perturbadora, embora Elói tente manter-se, inabalável, nessa certeza. É impossível. Há o que quer que é que lho não permite. Volta-se na cama, palpa a almofada, afaga a própria cabeça, tacteia a dobra do lençol, num esforço por tomar consciência da sua posição. Todavia, a lentidão com que consegue realizar qualquer destes movimentos desconcerta-o, e o intervalo, em tempo, entre o voltar-se da esquerda para a direita, palpar a almofada, afagar a própria cabeça e tactear a dobra do lençol é preenchido com uma outra consciência. Sobreposta ao esforço lúcido de se voltar, palpar, afagar, tactear (ou justaposta), há, também, a noção de que se volta, palpa, afaga, tacteia sem o menor esforço. Sente uma espécie de vertigem. Apetece-lhe gritar. Simultaneamente, porém, pensa que não vale a pena; lembra-se, mesmo, de não ser a primeira, nem a segunda vez que tal coisa lhe acontece. E não grita. Mas, por que não grita? Pensa: «Como diabo sei eu que isto me costuma acontecer?»

Raciocina ou não? Nisto, sente alguma coisa quente, volumosa e imóvel, ao seu lado. Volta a perguntar a si mesmo: «Que será?» De repente, porém, percebe que se trata de outro corpo. Tem a impressão indistinta de que «aquilo» lhe não pertence. «Mas, que será?», interroga ainda. E, pouco a pouco, vai compreendendo. Consegue mexer-se já como um todo. Alguém pergunta:

— Que tens, Elói?

Ao princípio não percebe, embora as palavras lhe tenham chegado ao ouvido como se tivessem atravessado um meio muito mais acessível à transmissão do som do que o ar. A voz deve ter ultrapassado a velocidade de 340 metros por segundo. Repete-se:

— Que tens, Elói?

Será uma nova interrogação? Será a mesma? Lentamente, sente a cabeça sair-lhe do nevoeiro que a envolve. Devagar, com vontade de ser natural, responde:

— Não tenho nada...

E, sem mesmo findar a última sílaba, compreende. Acaba de acordar.

— Não tenho nada — responde naturalmente. — Será manhã?

— Talvez. Dorme; ainda deve ser cedo.

Manuela obriga-o a continuar deitado. Muito embrulhado nos lençóis, Elói experimenta, então, essa desagradável lembrança da vida que o espera lá fora.

Lembra-se do escritório, do patrão, que barafusta no meio da casa, de pernas alargadas e braços atirados para o ar; vê-lhe mesmo os lábios despegando-se como as folhas húmidas da tipografia em que se passam as facturas do armazém. Enche-se de desgosto. O que há instantes era uma coisa desgarrada, incerta, volta, de novo, a ser o local de paixões, de angústias, de subserviências ridículas. Caetano Ramos, o patrão, aparece-lhe outra vez em toda a sua onnipotência, berrando na cara dos empregados: «Bestas! Grandessíssimas bestas!...»

Contudo, talvez ainda seja muito cedo. O calor da cama, o conforto dos colchões e aquele corpo, macio e tépido, convidam-no a esquecer. O dia ainda vem longe. E as pernas de Elói procuram as de Manuela.

Elói sabe que a amante ainda dorme, ou, se não dorme, tem sono, mas não resiste à tentação. Uma força maior do que toda a sua delicadeza impele-o. Sim, ele não lhe desconhece a fadiga nem a sonolência; não lhe desconhece mesmo a frieza. Sabe até

que aquela fadiga e aquela necessidade de repouso estão a ser multiplicadas pelo pressentimento de que ele a deseja. Apesar disso, insiste. Procura-a entre esperança e desalento. É sempre assim. Quando as pernas se cruzarem, Elói acabará por ceder à compreensão da repugnância que ela experimenta. «Repugnância, sim», parece dizer-se a si mesmo. Acabou-se. Já lhe não interessa o corpo de Manuela. Como tudo ajuda a complicar a sua recém-chegada consciência da vida! Por que não ter ficado para sempre perdido, afogado, naquela água dos sonhos que nos torna leves, fantásticos, ausentes?

Manuela percebeu tudo. O retraimento imprevisto de Elói descobriu-lhe o seu próprio retraimento. E Manuela não quer que o amante a suponha retraída.

Volta-se na cama, tentando enleá-lo:

— Então?

— Então, quê? — imita Elói.

— Por que fugiste?

— Fugir, eu? — torna, fingindo indiferença.

— Sim, tu.

— Estás enganada...

Procura colar o corpo ao do amante, que lhe sente os seios premidos contra as costas. Resiste. Resiste, principalmente, porque não é capaz de esquecer que tudo aquilo é forçado.

Manuela não desanima. Deixa escorregar um braço entre a cabeça de Elói e a almofada e poisa-lhe os lábios frios no pescoço. Ele fica imperturbável. «Bem sei, conheço-te. Tens feito isso centenas de vezes», murmura para si mesmo. Todavia, a própria certeza de que o ataque de Manuela é uma complacência fá-lo estremecer de maneira nervosa e deprimente.

Manuela já lhe não interessa. Ali, aos pés da cama, estão os seus sapatos cambados, as suas meias pontiadas. É preciso calçar-se para sair. Procura mesmo convencer-se de que são horas; o sol deve já brilhar alto no horizonte. Mas a amante não desiste. Elói percebe que ela começa a inquietar-se com a sua indiferença. Há pequenos movimentos das suas mãos que ele interpreta como sinais de desgosto. Já não deve haver só cálculo na sua provocação, deve haver, também, angústia. É fácil o triunfo. Elói vai levantar-se, dizer-lhe que são horas. O corpo, todavia, não se lhe desprende da cama.

Pelo seu lado, Manuela precisa de ganhar a partida. Quer mostrar-lhe — como sempre — que não é verdade o que ele supõe e que os seus braços continuam a ser fortes. Elói, pelo

menos, assim o julga, e apesar disso sente-se incapaz de partir, deixando-a naquela irritação. Inclina-se a condescender. Revolta-se: mas não pode resistir.

Vira-se na cama. Aperta-lhe os braços macios, que o estreitam pelo pescoço, comprime-lhe os lábios contra os dele e parte... Finge que desfalece. Os dois, enganados, pensadamente excitados pelo estremecimento dos membros que se debatem, se estreitam, se torcem, talvez com ódio, talvez com amor, impacientes por se livrarem um do outro, mergulham num espasmo violento e traiçoeiro. Pensam todos os gestos, calculam todos os gemidos, um e outro profundamente revoltados consigo próprios. A boca sabe-lhes mal. Elói sente-se indigno de si mesmo, embora conserve a vaga consciência de ter sido bom. Que será Manuela para ele? Amá-la-á, ainda? E, enquanto se abandona outra vez, de olhos fechados, ao sossego dos lençóis, passam-lhe pela mente as lembranças de Manuela. Diante dele está a caixa registadora *National* e no vidrinho dos registos os números 4 5 0. Quatro escudos, cinquenta centavos. Um sabonete. Elói acaba de comprar um sabonete. Detrás da caixa surge uma mão fina. Elói espreita. Está ali uma mulher que o faria feliz. Por que continua só no mundo? E enquanto as notas lhe passam para a mão, mergulha os olhos abstractos nos olhos da mulher. Manuela sorri. Uma moeda cai. É um momento: tornou a apanhá-la. No dia seguinte volta. Volta muitos dias. Agora já ela o conhece. «O Sr. Elói deseja?..., o Sr. Elói precisa?..., como queira, Sr. Elói...» Não pode passar sem aquilo. É uma música celestial. Volta sempre, todos os dias. Encontram-se pela primeira vez à saída da loja. «Dá licença? Posso acompanhá-la?» «Por que não?» E subiram muitas tardes a Rua do Pinhal. Ela fechava a cancela de madeira; conversavam um bocadinho recostados na madressilva. «Adeus.» «Adeus.» Num dia de folga foram mais longe. Passaram a Fonte do Castanheiro. Embrenharam-se na várzea, sentaram-se naquele recanto sossegado de onde se vê correr um regato no fundo. Havia silêncio. A voz dela tremia. Confessou-lhe: enviudara. Não queria casar. Não. Para quê? Era preferível ficar toda a vida assim. Engrácia, a sua melhor amiga, tratava-a como irmã. O velho capitão Flaviano tratava-a como um pai. Elói pegou-lhe nas mãos, pediu-lhe que o não deixasse. As bocas encontraram-se-lhes, os corpos caíram por cima do musgo, que sujou de verde o vestido de *étamine*. Que silêncio! Nada perturbaria aquela paz. Contudo, dentro da sua alma, Elói sentia um vácuo. Nada era verdade. O amor não

ÍNDICE

Um romance introspectivo, por EUGÉNIO LISBOA	7
---	---

ELÓI *ou romance numa cabeça*

CAPÍTULO I — Manhã	15
CAPÍTULO II — A suspeita	26
CAPÍTULO III — O Sr. Caetano Ramos é agredido	42
CAPÍTULO IV — Inácio	54
CAPÍTULO V — O jantar no Barba Azul	83
CAPÍTULO VI — Em casa de Armandinha	102
CAPÍTULO VII — Desaparecida	124
CAPÍTULO VIII — Elói e Manuela	141

Introdução à leitura de <i>Pântano</i> , por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	155
---	-----

PÂNTANO

CAPÍTULO I — Nas ruas, ao anoitecer	171
CAPÍTULO II — O pai escreveu... ..	181
CAPÍTULO III — Agora, um Visconde	191
CAPÍTULO IV — Eis aqui o poeta António Eusébio	201
CAPÍTULO V — Amigos de Café... ..	216
CAPÍTULO VI — A «mulher-surpresa»	230
CAPÍTULO VII — O cavalo alado	242
CAPÍTULO VIII — O amor é uma espécie de sono	252
CAPÍTULO IX — Fascinação	272
CAPÍTULO X — Sinuosidades	289

CAPÍTULO XI — Mais sinuosidades...	302
CAPÍTULO XII — Voltemos ao Café	312
CAPÍTULO XIII — Rita	325
CAPÍTULO XIV — Desespero	334
CAPÍTULO XV — Dois pobres românticos	346
CAPÍTULO XVI — Despedida ao luar	353
CAPÍTULO XVII — Confissão	364
CAPÍTULO XVIII — A vida tem momentos belos... ..	372